



Ana Paula dos Santos quer vender um rim para saldar suas dívidas de aluguel e condomínio

Ética médica impede a venda de rins no DF

Valdeci Rodrigues

Mesmo que apareçam interessados em comprar um dos rins de Ana Paula Soares dos Santos, para que ela possa quitar dívidas de aluguel e condomínio, como noticiou quarta-feira o Jornal de Brasília, a transação não será concretizada no Distrito Federal. Quem garante é o médico Ronaldo Júlio Alves Pereira, chefe da Unidade de Nefrologia do Hospital de Base (HBDF), onde são realizados quase todos os transplantes renais não só de Brasília como de todo o Centro-Oeste. Nos dois hospitais particulares onde são feitos transplantes de rins — Santa Lúcia e Santa Luzia —, a equipe médica é a mesma que trabalha no HBDF e observam os mesmos critérios: a operação é feita somente quando o doador é parente do receptor do órgão.

"Eticamente não se fazem transplantes nessas condições. Principalmente para evitar o comércio de órgãos", afirma Ronaldo Júlio Alves Pereira —, exatamente o que Ana Paula Soares dos Santos pretende fazer. "O transplante é feito somente através de doação, que é um ato de amor", frisa o médico, ressaltando que o hospital segue as normas da Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos (ABTO), que condena totalmente

esse tipo de comércio. Até a doação entre marido e mulher é minuciosamente investigada pela equipe para evitar casamentos arranjados para esse fim. Por isso, o doador vivo precisa ser pai, mãe, filho ou irmão do paciente.

Além do comportamento dos médicos, que lutam pelo não estabelecimento de um balcão de compra e venda de órgãos, a complexidade de um transplante não permite que a operação seja realizada apenas com a existência de um doador ou vendedor e um receptor. "Não é fácil. O transplante é um procedimento técnico altamente complexo e dispendioso", explica José Antônio Villaça, responsável pelo laboratório de imunogenética do HBDF. Ele é o responsável pelo cruzamento de informações, feito por computador, para selecionar doadores e receptores compatíveis.

Conscientização

Ronaldo Júlio Alves Pereira diz que o HBDF é o único centro de transplantes no Brasil que está conseguindo atingir índices europeus. Aqui, 80% dos transplantes são feitos utilizando-se de doadores-cadáveres — politraumatizados que chegam ao HBDF, com morte cerebral, e suas famílias decidem doar os órgãos ao Centro de Doação e Captação do hospital. No restante do País, os números são

inversos: têm-se somente 20% de doadores-cadáveres. Esse desempenho do HBDF deve-se ao elevado número de acidentes automobilísticos em Brasília e à centralização do atendimento aos politraumatizados no hospital.

Atualmente existem cerca de 400 pacientes no Distrito Federal aguardando por um transplante de rim. Muitos deles vêm de várias localidades do Centro-Oeste. Quando a família de um politraumatizado decide pela doação dos órgãos, uma série de exames são feitos para saber com qual dos pacientes há compatibilidade, começando pelo tipo sanguíneo e pela igualdade do tecido, chamada de histocompatibilidade. Depois dos exames, vários itens são observados, seus "pesos" são medidos pelo computador, para saber em quem o órgão será implantado.

"Hoje há conscientização das famílias em relação à doação de órgãos", diz Ronaldo Júlio Alves Pereira. Ele calcula que de cada 10 famílias de politraumatizados abordadas pela equipe do HBDF, seis concordam com a doação. "Nunca forçamos nada. É um ato de amor, particular de cada família", frisa o médico, esclarecendo que a religiosidade, ao contrário do que se poderia imaginar, "influencia o altruísmo das pessoas".